



Data: 30.03.2011

Título: Listeria coloca IBMC na Science Estudo sobre bexiga hiperactiva

Pub: NOTÍCIAS MEDICAS

Tipo: Jornal Especializado Bissemanal

Secção: Nacional

Pág: 1;2;4



# Estudo sobre bexiga hiperactiva

## Prémio para investigadores portugueses

Nos doentes com bexiga hiperactiva, a concentração de BDNF na urina é significativamente maior e correlaciona-se com a gravidade dos sintomas. A descoberta deste biomarcador, que poderá ser utilizado no diagnóstico e na monitorização do tratamento não farmacológico e farmacológico, já mereceu um prestigiante prémio a nível europeu

Investigadores do Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP), do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) e do Serviço de Urologia do Hospital de São João (HSJ) descobriram uma nova forma de diagnosticar e monitorizar a bexiga hiperactiva, o que lhes valeu o Prémio para o Melhor Trabalho (área não oncológica) da Associação Europeia de Urologia (AEU).

O galardão foi entregue ao primeiro autor do trabalho, Dr. Tiago Lopes, interno do Serviço de Urologia do Hospital de São João, durante o Congresso Anual da Associação Europeia de Urologia, que decorreu entre 18 e 22 de Março, em Viena.

**“Este trabalho resulta de um projecto europeu [INComb, acrónimo de Combating Incontinence], financiado pela União Europeia. Um dos objectivos era estudar a possibilidade de diagnosticar doenças do aparelho urinário através de substâncias que possam estar contidas na urina, isto é, de biomarcadores”,** conta o Prof. Francisco Cruz, Coordenador da equipa de investigação, Professor da FMUP, Director do Serviço de Urologia da FMUP e do HSJ e investigador do IBMC.

Uma das áreas em que o grupo português apostou foi na bexiga hiperactiva (a nomenclatura é de 2002), uma doença do tracto urinário baixo caracterizada pela presença de impériosidade em urinar, normalmente associada a poliaquiúria (necessidade de urinar muitas vezes e em pequenas quantidades) e noctúria (vontade de urinar durante a noite).

A bexiga hiperactiva é uma das

causas mais importantes de incontinência urinária, doença que afecta 66 milhões de pessoas só na União Europeia. Comparativamente com a incontinência urinária associada ao esforço, mais frequente nas mulheres, que é previsível, a incontinência urinária associada à bexiga hiperactiva não é previsível.

**“Não é a mesma coisa que ter a bexiga cheia e ter uma vontade forte de urinar. Na bexiga hiperactiva, a vontade de urinar é súbita e tão forte que os doentes ou vão urinar, ou perdem urina. O tempo para decidir se conseguem suprimir a vontade é, em metade das pessoas, inferior a um minuto, o que significa que têm de ter um quarto de banho próximo”,** explica.

O Prof. Francisco Cruz tem histórias bem elucidativas, uma das quais

envolvendo um padre que sofria de bexiga hiperactiva e, subitamente, não teve outra solução senão **“parar o carro na auto-estrada e a saltar o rail para urinar. É claro que apareceu logo a polícia e multou-o”**.

Na verdade, a bexiga hiperactiva tem um impacto significativo na qualidade de vida, condicionando rotinas diárias. Uma simples viagem de autocarro pode ser um problema.

**BDNF: Uma nova forma de**

### diagnóstico...

Até agora, o diagnóstico da bexiga hiperactiva é essencialmente clínico, baseado nos sintomas. **“Actualmente, aquilo que temos é um estudo urodinâmico, que não é de primeira linha porque é um estudo invasivo. Implica colocar um catéter na bexiga do doente, encher a bexiga para reproduzir um enchimento normal e verificar como esta se comporta. É um exame com uma sensibilidade e uma especificidade muito baixas. A capacidade de um estudo urodinâmico se correlacionar com os sintomas de uma forma clara vale o mesmo que atirar uma moeda ao ar. Portanto, é um exame muito mau”,** admite o Prof. Francisco Cruz. Assim sendo, faltava um estudo que pudesse contribuir para um diagnóstico não invasivo e eficaz. **“Há vários grupos a investigar biomarcadores em todo o mundo. Todos estavam a apostar numa neurotrofina chamada NGF e nós apostámos numa outra, que se chama BDNF (brain derived neurotrophic factor). Fomos totalmente pioneiros e a nossa**



Data: 30.03.2011

Título: Listeria coloca IBMC na Science Estudo sobre bexiga hiperactiva

Pub: NOTÍCIAS MEDICAS

Tipo: Jornal Especializado Bissemanal

Secção: Nacional

Pág: 1;2;4



**aposta foi ganha”,** congratula-se.

De resto, o grupo português já estava a investigar o papel do BDNF na função vesical, designadamente no rato, com evidências de uma alteração marcada. A hipótese era que, no ser humano, a bexiga hiperactiva estaria igualmente associada a uma alteração do BDNF. De facto, numa avaliação preliminar, constatou-se que os doentes tinham valores elevados deste biomarcador.

O primeiro passo foi estudar voluntários com diferentes idades através da recolha de urina de manhã, ao meio dia e à noite. **“Tínhamos de ter a certeza da altura do dia em que se deve fazer a colheita. Houve que começar pelo princípio. Chegámos a conclusão que os valores matinais eram os mais estáveis”,** indicou.

A partir daí, o estudo avançou para a colheita de urina e análise dos valores matinais em doentes, tendo-se confirmado a avaliação preliminar. De facto, o BDNF estava aumentado nos doentes com bexiga hiperactiva.

**... E de monitorização**

## do tratamento

O estudo avançou, entretanto, para a medição desta neurotrofina após a administração da medicação. Assim, além de demonstrarem que o BDNF está aumentado nos doentes com bexiga hiperactiva, os investigadores verificaram que o tratamento conduziu a uma redução marcada deste biomarcador na urina, o que significa que há uma menor estimulação das fibras nervosas presentes na bexiga.

Numa primeira fase, explicou, **“o tratamento não tem de ser farmacológico”,** passando por **“ensinar o doente a beber menos líquidos e a viver com a doença”,** o que tem **“um efeito muito marcado em termos de sintomas”.**

As alterações dos estilos de vida, que incluem também abandono das bebidas gaseificadas e/ou com cafeína, por si só, podem promover melhorias em 30 a 40% dos doentes.

Em conclusão, este exame **“permite-nos fazer o diagnóstico, particularmente nos casos em que os sintomas não sejam claros (em**

**muitos casos de bexiga hiperactiva, o diagnóstico pela clínica é óbvio e pode ser iniciado o tratamento imediatamente). É um exame que nos pode ajudar a estabelecer o diagnóstico e, sobretudo, a monitorizar a doença. Podemos dizer aos doentes que há um marcador que está a baixar, o que significa que o tratamento está a ser eficaz”.**

Apesar da descoberta deste biomarcador, o investigador salvaguarda que ainda não se sabe até que ponto será útil em larga escala, sendo necessário avançar com mais estudos, no âmbito do projecto europeu, onde participam vários centros europeus, designadamente na Suécia, Suíça, Inglaterra e Holanda, além de Portugal. A Pfizer é outro dos parceiros. (<http://www.incomb.eu/>)

O próximo passo para este grupo do Porto é estudar a urina de doentes suecos recolhida por colegas do Instituto Karolinska (que coordena o INComb), de modo a verificar se os resultados do estudo português são reprodutíveis noutras populações. ■

Cláudia Azevedo

## Novos antimuscarínicos sem participação do Estado

**D**e acordo com o Prof. Francisco Cruz, o único tratamento farmacológico da bexiga hiperactiva existente actualmente consiste na utilização de antimuscarínicos, substâncias cujo efeito fundamental é diminuir a contractilidade da bexiga. O tratamento é eficaz, ainda que esteja associado com alguns efeitos laterais, como boca seca ou obstipação.

**“Infelizmente, não temos comparados pelo Serviço Nacional de Saúde os melhores antimuscarínicos.**

**Vemo-nos muitas vezes na necessidade de utilizar os medicamentos mais antigos”,** lamentou.

Os novos custam entre 40 a 50 euros por mês, quando os mais baratos - a oxibutinina e o cloreto de trospio - podem custar menos de

10 euros por mês.

Embora mais caros, salientou o especialista, os novos antimuscarínicos têm uma administração diária e menos efeitos secundários, pois foram desenvolvidos para terem uma maior afinidade para os receptores da bexiga e menos afinidade para outros receptores.

Nestes incluem-se a solifenacina, a darifenacina ou a tolterrodina, que não estão acessíveis a todos os bolsos.

Entretanto, está a produzir-se investigação em todo o mundo para encontrar novos fármacos orais.

Nos casos refractários, em que a medicação não resulta, está a ser utilizada a toxina botulínica (botox), uma neurotoxina. Na bexiga, a primeira aplicação foi feita há cerca de 10 anos. ☺

Area: 1220cm² / 40%

Tiragem: 15.000 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3571620



**Data:** 30.03.2011

**Título:** Listeria coloca IBMC na Science Estudo sobre bexiga hiperactiva

**Pub:** NOTÍCIAS  MEDICAS

  
**clipping**  
consultores

**Tipo:** Jornal Especializado Bissemanal

**Secção:** Nacional

**Pág:** 1;2;4



Prof. Francisco Cruz

Área: 1220cm<sup>2</sup>/40%

FOTO Titagem: 15.000

Cores: 4 Cores

ID: 3571620